



USUÁRIOS DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL NA CONCEPÇÃO DOS TRABALHADORES

Resumo: Conhecer as concepções dos trabalhadores acerca dos usuários do Centro de Atenção Psicossocial. Estudo qualitativo descritivo realizado em um Centro de Atenção Psicossocial no Sul do Brasil. Participaram 24 trabalhadores de saúde que responderam a entrevistas abertas. Os dados foram tratados à luz da análise temática de conteúdo. Os trabalhadores percebiam a complexidade do transtorno mental e as contradições do binômio normal e patológico. Compreendiam o preconceito e a interferência dos determinantes sociais nos processos de adoecimento e recuperação. Porém, ressaltaram que as concepções em torno do usuário com transtorno mental estão em transformação, identificando movimentos de desconstrução dos preconceitos na sociedade em suas práticas. Compreendiam o papel do serviço na promoção do acolhimento e protagonismo destes sujeitos. Os trabalhadores possuíam concepções ampliadas em relação ao sujeito e seu sofrimento, se colocando frente às mudanças de paradigmas no campo da saúde mental.

Descritores: Saúde Mental, Serviços de Saúde Mental, Pessoal de Saúde, Pesquisa Qualitativa.

Users of the psychosocial care center in the workers' conception

Abstract: To know the conceptions of the workers about the users of the Psychosocial Care Center. Descriptive qualitative study carried out in a Psychosocial Care Center in southern Brazil. 24 health workers who responded to open interviews participated. Data were treated in the light of thematic content analysis. Professionals perceived the complexity of the mental disorder and the contradictions of the normal and pathological binomial. They understood prejudice and the interference of social determinants in the illness and recovery processes. However, they highlighted that the conceptions around the patient with mental disorder are changing, identifying movements of deconstruction of prejudices in society in their practices. They understood the role of the service in promoting the reception and protagonism of these subjects. The professionals had expanded conceptions about the subject and his suffering, facing the paradigm shifts in the field of mental health. **Descriptors:** Mental Health, Mental Health Services, Health Personnel, Qualitative Research.

Usuarios del centro de atención psicossocial en la concepción de los trabajadores

Resumen: Conocer las concepciones de los profesionales de la salud sobre los usuarios del Centro de Atención Psicossocial. Estudio descriptivo cualitativo realizado en un Centro de Atención Psicossocial del sur de Brasil. Participaron 24 trabajadores de la salud que respondieron a las entrevistas abiertas. Los datos se trataron a la luz del análisis de contenido temático. Los profesionales percibieron la complejidad del trastorno mental y las contradicciones del binomio normal y patológico. Entendieron el prejuicio y la interferencia de los determinantes sociales en los procesos de enfermedad y recuperación. Sin embargo, enfatizaron que las concepciones en torno al paciente con trastorno mental están cambiando, identificando movimientos para deconstruir los prejuicios de la sociedad en sus prácticas. Entendieron el papel del servicio en la promoción de la acogida y protagonismo de estos sujetos. Los profesionales tenían concepciones ampliadas sobre el sujeto y su sufrimiento, frente a los cambios de paradigma en el campo de la salud mental.

Describers: Salud Mental, Servicios de Salud Mental, Personal de Salud, Investigación Cualitativa.

Christiane de Fátima Colet

Graduação em Farmácia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Mestre e Doutora em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: chriscolet@yahoo.com.br

Alexa Pupiaro Flores Coelho Centenaro

Graduação, Mestrado e Doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Enfermagem em Terapia Intensiva pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).
E-mail: alexa.coelho@ufsm.br

Andressa da Silveira

Graduação, Mestrado e Doutorado em Enfermagem. Especialista em: Saúde do Adolescente; Saúde Coletiva e UTI Pediátrica/Neonatal.
E-mail: andressadasilveira@gmail.com

Kaliandra Gallina

Acadêmica do 4º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)/Campus Palmeira das Missões.
E-mail: kaliandra.gallina@gmail.com

Vanessa Adelina Casali Bandeira

Graduação em Farmácia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Mestrado em Farmácia. Especialização em Saúde da Família pela Fundação Municipal de Saúde de Santa Rosa (FUMSSAR) e UNIJUÍ.
E-mail: vanessa.acbandeira@yahoo.com.br

Eniva Miladi Fernandes Stumm

(in memoriam)

Graduação em Curso de Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal de Pelotas, Mestrado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutorado em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo.
E-mail: eniva@unijui.edu.br

Submissão: 01/01/2023

Aprovação: 28/02/2023

Publicação: 25/03/2023



Como citar este artigo:

Colet CF, Centenaro APFC, Silveira A, Gallina K, Bandeira VAC, Stumm EMF. Usuários do centro de atenção psicossocial na concepção dos trabalhadores. São Paulo: Rev Recien. 2023; 13(41):344-354. DOI: <https://doi.org/10.24276/rrecien2023.13.41.344-354>

Introdução

A Saúde Mental é um tema de importante destaque no Brasil e no Mundo. A Organização Mundial da Saúde estima que, mesmo antes da pandemia COVID-19, importante parcela da população mundial tinha acesso a serviços de Saúde Mental eficazes e acessíveis. No que diz respeito a pessoas com transtornos psicóticos, estima-se que apenas 12% acessam uma rede de cuidados nos países de baixa renda. No que diz respeito à depressão, estima-se que tratamentos minimamente adequados estejam disponíveis para apenas um terço das pessoas que sofrem com essa doença¹.

Para fazer frente a esta problemática, diferentes países do mundo têm investido nos serviços comunitários substitutivos ao modelo hospitalar. Hoje, sabe-se que estes serviços prestam assistência de forma mais abrangente, integrada e direcionada às necessidades dos usuários^{2,3}. No Brasil, esses serviços são representados pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), serviços vinculados à Atenção Primária à Saúde e fundamentados nos princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira⁴.

A Reforma Psiquiátrica foi o movimento que balizou essas discussões no contexto brasileiro. A Reforma Psiquiátrica busca construir um lugar para as pessoas que necessitam de assistência à saúde mental. A desinstitucionalização não se esgota no processo de desospitalizar, por isso, os serviços substitutivos devem atentar para não reproduzir a prática manicomial⁵.

Os CAPS se diferenciam a partir da complexidade e abrangência populacional. Esses serviços são desenvolvidos por equipes multiprofissionais, oferecendo atividades individuais ou em grupos⁶. O

serviço despontou como a grande aposta para a produção de novas práticas de cuidado em saúde mental, constituindo um espaço para socialização e proteção dos usuários e famílias⁵.

O CAPS desempenha um papel estratégico na Rede de Atenção à Saúde, pois representa um contraponto ao modelo psiquiátrico biomédico, o qual compreende a doença mental predominantemente sob o ponto de vista orgânico. O atendimento integral de base comunitária ao usuário e sua família proporciona assistência qualificada e individualizada, além de acolhimento, convivência e trocas de experiência⁴.

Nesse modelo de atenção em saúde mental, existe valorização do trabalho interdisciplinar, para que diferentes campos do conhecimento possam olhar para o usuário e fortalecer uma atenção integral e holística. A família também tem um lugar de destaque neste modelo, pois o usuário deve ser compreendido como um indivíduo articulado a um contexto familiar e social que exerce um papel importante em sua recuperação⁷.

As equipes multiprofissionais do CAPS são compostas por diferentes áreas de nível superior e médio. É importante o trabalho dos profissionais de ensino superior nas diferentes linhas de cuidado, tais como enfermeiros, médicos, psicólogos, assistentes sociais, entre outros. No entanto, a eles se somam outros trabalhadores de saúde, de nível médio e fundamental, os quais também compartilham do contado com o paciente⁸. A percepção destes atores sobre o usuário do serviço é importante no sentido do acolhimento.

Os serviços são dispositivos de apoio, de acolhimento e de cuidados embasados nas interações

sociais, sem a necessidade de isolá-los do seu meio social e do seu cotidiano. Dessa maneira, o tratamento em saúde mental deixa de ser o protagonista da relação, passando esse papel para o sujeito em sofrimento psíquico e, assim, a equipe do CAPS, a relação com os pacientes atendidos e sua percepção sobre eles é fundamental para o sucesso terapêutico⁹.

A partir destas questões, este estudo objetivou conhecer as concepções dos trabalhadores acerca dos usuários do Centro de Atenção Psicossocial.

Material e Método

O presente estudo se apresenta como uma pesquisa qualitativa e descritiva. Teve como cenário um CAPS voltando ao atendimento de usuários de todas as faixas etárias, com transtornos mentais graves e persistentes ou uso de substâncias psicoativas. Este estabelecimento de saúde estava localizado em um município com mais de 80.000 habitantes, situado na região Noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil.

Os participantes do estudo foram os profissionais de saúde atuantes neste local. O estudo incluiu todos os profissionais que estivessem lotados permanentemente no serviço. Foram excluídos aqueles que estivessem em férias ou qualquer outro tipo de afastamento. Um total de 24 profissionais de saúde compuseram os participantes deste estudo.

A produção dos dados foi realizada entre os meses de agosto a setembro de 2018 por meio da técnica de entrevista individual aberta. As entrevistas foram conduzidas com o auxílio de um instrumento elaborado pelas pesquisadoras. Em um primeiro momento, os participantes completaram seus dados socio laborais (sexo, idade, profissão e tempo em que

atuavam em saúde mental). Em um segundo momento, procedeu-se a entrevista em profundidade a partir da questão: Como você percebe os usuários do CAPS?

As entrevistas foram conduzidas por uma equipe de coletadoras previamente capacitadas, em datas e horários acordados com os profissionais, no local de trabalho destes e em espaços que garantissem privacidade e tranquilidade para pesquisadoras e participantes. As entrevistas foram audiogravadas com o auxílio de gravadores digitais para posterior análise. O tempo médio de duração das entrevistas foram 20 minutos.

Os dados empíricos foram digitados no editor de textos *Microsoft Word 2010* e submetidos à técnica da análise temática de conteúdo, a qual se desenvolve em três fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos dados obtidos e interpretação¹⁰.

Na pré-análise, houve a organização do material transcrito e seleção do conteúdo pertinente ao objetivo do estudo. Este foi lido exaustivamente, para maior reconhecimento e apropriação pelas pesquisadoras. Uma vez organizado e reconhecido, procedeu-se a exploração do material, que corresponde ao tratamento dos dados por meio da codificação em Unidades de Registro (UR), que consistem em termos relacionados ao objetivo do estudo que classificam o conteúdo textual. As UR foram classificadas por meio da técnica cromática e organizadas em núcleos de sentido, formando as categorias temáticas¹⁰.

Por fim, no tratamento dos dados obtidos e interpretação, as pesquisadoras, em posse de resultados consistentes, finalizaram o processo de interpretação destes e de organização das categorias

temáticas, definindo os achados e respondendo ao objetivo do estudo. Esse processo foi facilitado por meio da construção de mapas conceituais, que são estruturas gráficas que auxiliam na organização de ideias e no estabelecimento de relações entre elas. Os mapas conceituais possibilitam a inferência de relações entre os conceitos, o que fortaleceu a composição das categorias temáticas. Para a construção desses mapas, foi utilizado o *software* livre *CmapTools* versão 6.04.

Nos resultados, os trechos dos depoimentos estão ilustrados; os depoentes estão identificados pela letra P (referente à palavra “profissional”) acompanhada pelo número referente à ordem de realização das entrevistas. Destaca-se que foram atendidos os preceitos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos conforme as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética 55073516.0.0000.5350 e parecer nº 1.546.341 de 2018.

Resultados

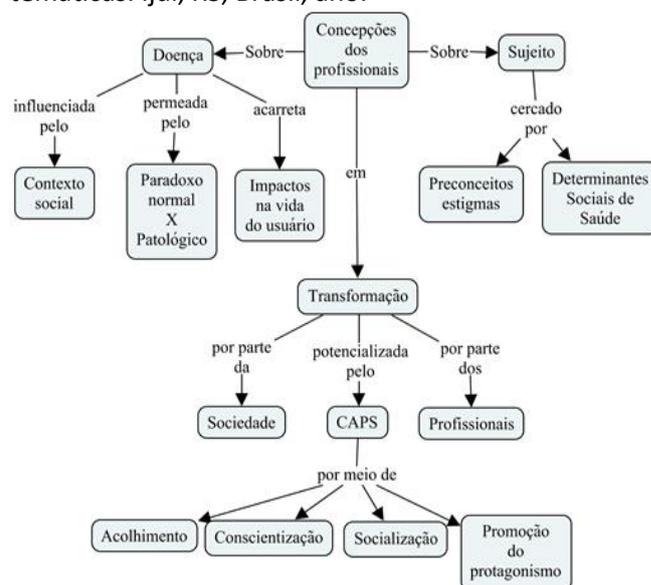
Em relação à caracterização sociolaboral dos participantes, a maior parte era composta por mulheres (n=18), brancas (n=22), média de idade de 46,25±12,37 anos. O tempo que atuação no CAPS apresentou uma média de 7,6± 8,13 anos.

Os profissionais entrevistados pertenciam às seguintes profissões/ocupações: agente de saúde, artista plástica, assistente social, atendente, auxiliar/técnico de enfermagem, enfermeira, farmacêutica, médico, psicólogo, neuropsicopedagoga, terapeuta ocupacional, oficinaira, estagiária de psicologia. A maioria dos

depoentes possuía capacitação na área da saúde mental (n=14).

A análise de conteúdo sobre o material empírico conduziu à formação de três categorias temáticas: Concepções sobre a doença: a complexidade do transtorno mental no contexto atual; Concepções sobre o sujeito: o preconceito e os determinantes sociais no contexto de vida do usuário do CAPS; e Concepções em transformação: o papel do CAPS na vida do indivíduo com sofrimento psíquico. A Figura 1 apresenta o mapa conceitual que sintetiza e estabelece relações entre os elementos centrais das categorias:

Figura 1. Mapa conceitual ilustrativo das relações entre os elementos que compuseram as categorias temáticas. Ijuí, RS, Brasil, ano.



Fonte: elaborada pelas autoras por meio do *software* livre *CmapTools* versão 6.04.

Concepções sobre a doença: a complexidade do transtorno mental no contexto atual

Nesta categoria temática, estão evidenciados os dados que demonstram as concepções dos profissionais de saúde em torno do transtorno mental. Primeiramente, percebe-se que os depoentes consideravam o sofrimento psíquico como um problema emergente, presente de forma intensa na

sociedade e conectado com o contexto social atual:

[...] ansiedade, depressivos e questões relacionadas ao trabalho, perdas, vem aumentando sim. Geralmente em pacientes mais jovens, são menos frequentes os casos mais graves. Antigamente chegavam mais pacientes com esquizofrenia, psicose e hoje é mais leves os casos que chegam até o serviço. (P13)

Parece que está cada vez mais intenso, são questões relativas do nosso tempo, da sociedade, da nossa cultura [que] interferem nisso, parece que a presença das questões dessa ondem de saúde mental estão mais profundas não só em quantidade como em intensidade. Sempre houve depressão, mas [...] está se tornando mais intensa. (P15)

Somada a esta questão, os participantes também percebem a gravidade do transtorno mental e o impacto disto na vida dos usuários:

[...] isso gera sofrimento muito grande. Na maioria deles [usuários] delimita muito, muitos não conseguem trabalhar, sair de casa, realizar suas atividades diárias. Então a doença psíquica acaba comprometendo muito a vida deles e as suas funções. (P2)

[...] às vezes tu olha para uma pessoa e tu não imagina o sofrimento que ela apresenta [...] a pessoa entra no consultório e começa a contar a história dela, a gente se surpreende com o sofrimento que ela tem [...]. (P16)

Porém, ao mesmo tempo em reconhecem a dimensão e a gravidade do transtorno mental, os profissionais de saúde do CAPS problematizam as definições de normal e patológico, saúde e doença. Embora reconheçam o transtorno mental como um problema grave, resgatam as contradições de se reduzir o sofrimento psíquico a uma doença, ignorando o componente humano:

É uma situação difícil de a gente pensar no que é o normal e no que é o patológico. Eu vejo que a diferença é que uma pessoa que se enquadra nos padrões normais aparentemente consegue lidar melhor com

seu sofrimento [...]. (P3)

Eu não sou muito favorável a esses termos como doença mental, transtorno mental, porque fazem uma alusão muito como a doença e saúde, de um normal e patológico. Acho que sofrimento psíquico é um termo mais efetivo, que faz parte do humano [...]. (P12)

Portanto, os dados evidenciam que os profissionais de saúde percebem o adoecimento mental como algo relacionado ao meio e à sociedade. Compreendem a complexidade desse fenômeno, e por fim, ponderam sobre a necessidade de que ele não seja simplificado ou reduzido nos termos do binômio biomédico saúde-doença.

Concepções sobre o sujeito: o preconceito e os determinantes sociais no contexto de vida do usuário do CAPS

A segunda categoria temática expressa as concepções dos profissionais de saúde acerca do usuário do CAPS. Os depoentes confirmaram que ainda percebem o sujeito com transtorno mental fortemente cercado de preconceitos e estigmas sociais por parte da sociedade e da própria família, o que, segundo eles, às vezes dificulta a recuperação:

Percebo que ainda há preconceitos com os pacientes, não só aqueles que estão com um transtorno crônico, mas com aqueles que estão passando por algum sofrimento [...]. (P5)

Eu vejo que a doença mental ainda é algo que as pessoas não acreditam muito, que ela precisa ser muito trabalhada ainda com os familiares e a sociedade. Ainda existe uma discriminação muito grande e eles [usuários] acabam taxados como aqueles que não querem se ajudar. [...] No momento em que houvesse sensibilização de todas as pessoas, eu vejo que teria uma recuperação [...]. (P6)

Os depoimentos mostram que os profissionais reconheciam a importância do contexto em que os usuários estão inseridos. Além disso, reconheceram

também a influência dos determinais sociais no processo de adoecimento destas pessoas, e o fato de que as abordagens terapêuticas pareciam limitadas frente à existência destes determinantes:

[...] a gente sabe que os nossos pacientes tem uma grande demanda social e que eles nunca vão sair da crise depressiva ou de ansiedade porque eles não têm o que comer, onde morar, suporte e isso acaba não se trabalhando muito, encaminha para o CAPS [...]. (P6)

As questões socioeconômicas estão influenciando no adoecimento dos pacientes. Ultimamente é difícil se conseguir resultados mais positivos no tratamento, sendo que a maioria dos pacientes não tem condições adequadas de moradia e saneamento básico, muitas vezes questões de lazer devido à baixa renda, acho que são essas as coisas mais difíceis no dia-a-dia. (P13)

[...] tem problemas que não são resolvidos com fármacos, não são resolvidos com terapia. São resolvidos com mudanças sociais [...]. (P21)

Os dados dessa categoria sinalizam para a concepção ampliada que os profissionais de saúde têm em relação à pessoa em sofrimento psíquico. Para além de entender a doença, os profissionais entendem também o sujeito que está no centro do cuidado, imbricado em um conjunto de determinantes sociais, familiares e econômicos.

Concepções em transformação: o papel do CAPS na vida do indivíduo com sofrimento psíquico

A última categoria temática reúne resultados que evidenciam a dinamicidade das concepções em torno dos usuários do CAPS. Na voz dos profissionais de saúde, apesar dos preconceitos e estigmas sociais persistentes, há movimentos na sociedade que caminham em direção a uma mudança nas concepções em torno do transtorno mental:

[...] as pessoas estão mais abertas à questão do transtorno mental, no sentido de buscar ajuda clínica. Antigamente, isto era visto com

preconceito, e hoje podemos notar que é como um acolhimento. (P9)

Além disso, relatam as mudanças de paradigmas dos próprios profissionais de saúde e serviços de saúde mental, que tem conseguido compreender melhor este sujeito e avançar no acolhimento e terapêutica:

[...] o serviço público tem entendido um pouco mais sobre a doença mental, como tratar essas pessoas, como acompanhar essas pessoas [...]. (P21)

[...] a doença mental está aí, ela se coloca. Eu entendo que na atualidade houve um avanço nos tratamentos. São tratamento onde o sujeito tem espaço, tem lugar, ele não é marginalizado [...]. (P23)

Por fim, os trabalhadores de saúde reconheceram a importância do serviço do CAPS na transformação destes paradigmas por meio do acolhimento, da conscientização da sociedade, da reintegração do usuário ao espaço social e da garantia do seu protagonismo:

[...] o CAPS deve formar a comunidade. [...] Se eles [usuários] receberem um cuidado, um olhar individual, tomar as medicações, a pessoa consegue viver, consegue trabalhar, consegue ter seus méritos. Mas as pessoas precisam de ajuda familiar, do Estado e da saúde [...]. (P3)

[...] o usuário hoje tem esses espaços [CAPS], tem espaço onde a palavra dele é uma palavra que produz sentido para a sua vida. O que ele fala é acolhido e trabalhado com ele [...]. (P23)

Portanto, a última categoria temática sinaliza que as concepções em torno da doença e do sujeito estão em movimento. Em razão disso, a família e a sociedade se transformam, ainda que ao seu tempo. Os serviços e saúde também se transformam, pois a visão ampliada acerca da doença e do sujeito potencializam a qualidade do cuidado prestado no CAPS.

Discussão

Os achados do estudo evidenciaram aspectos relacionados aos trabalhadores de saúde que atuam junto aos usuários do CAPS, no qual foi possível identificar concepções sobre a doença, incluindo a complexidade do transtorno mental.

Os profissionais observam que os quadros de transtorno mental se tornam cada vez mais frequentes. Dados da Organização Mundial da Saúde estimaram que, em 2019, cerca de 1 bilhão de pessoas no mundo viviam com transtornos mentais. Atualmente, as doenças mentais são a principal causa de incapacidade. Pessoas com quadros graves de adoecimento psíquico vivem, em média, de 10 a 20 anos a menos quando comparadas às demais. Este fenômeno está diretamente a fatores socioeconômicos, como desigualdades, guerras, crises climáticas e financeiras, desastres e pobreza¹.

No Brasil, a prevalência de doenças mentais varia entre 29,6 a 47,4%. Aspectos sociodemográficos apresentam características presentes em indivíduos com maior prevalência para transtornos mentais, são eles: pessoas com idade avançada, do sexo feminino, de baixa renda, baixo nível de escolaridade, tabagistas, divorciadas, viúvas, de cor negra ou parda e doentes crônicos. Destacam-se ainda, situações como abandono, isolamento social, incapacidade de retorno à atividade produtiva, como fatores que comprometem a qualidade de vida e podem aumentar a exposição às morbidades psíquicas¹¹.

Os participantes destacaram também a gravidade da doença e seu impacto na vida dos usuários do CAPS. Sabe-se que os transtornos mentais impactam não apenas na saúde, mas também em todas as dimensões da vida e das relações sociais. Estudo

realizado com usuários de um CAPS evidenciou que parte importante dos participantes, além do sofrimento mental, tinham comprometimento cognitivo, com destaque para distúrbios da linguagem, função executiva, habilidades visuo-espaciais e memória de curto prazo. Como resultado, os usuários possuíam profundas dificuldades para se estabelecerem no mundo do trabalho, para estudar e para se relacionarem com suas próprias famílias¹², o que corrobora a percepção dos participantes deste estudo.

É importante registrar a problematização das definições de normal e patológico. Sabe-se que na saúde mental, ainda não existe uma definição estabelecida que imponha fronteiras entre esses dois termos. Na atualidade, coexistem embates entre a Psiquiatria e a Reforma Psiquiátrica. A disputa de poder entre ambos os paradigmas influencia o modo como os profissionais tentam compreender a saúde e a doença mental. Como consequência, isso interfere também na assistência, na gestão dos serviços, nas políticas públicas, no acolhimento aos usuários e na própria produção de ciência. Essas indefinições se devem, em parte, à vigência do modelo biomédico. Mas além disso, ao fato de que, muitas vezes, o termo Saúde Mental é utilizado de forma genérica, sem que sejam problematizados os discursos ou os paradigmas a ela associados¹³.

A doença mental é algo muito delicado e que precisa ser trabalhada perante a sociedade. A discriminação, a falta de apoio e os preconceitos tornam pacientes frágeis e sensíveis, além de serem taxados como patológicos por pessoas que não se predis põe a lhes ajudar. A vida dos indivíduos que apresentam transtorno mental é um constante

desafio, precisam combater o estigma social, superar as dificuldades de inclusão e o preconceito coletivo. Trata-se de um grupo que por séculos foi esquecido, negligenciado, e que vivenciaram a desinstitucionalização. Ainda hoje, esses indivíduos precisam lutar por um espaço de reintegração social e vencer os estigmas de incapacidade¹⁴.

Os profissionais entrevistados entendem que devido à condição financeira e social de seus pacientes eles irão demorar a sair da crise, pois tais questões influenciam no adoecimento. Estudo qualitativo norte-americano evidenciou que o cuidado em saúde mental a populações vulnerabilizadas (incluindo minorias étnicas e pessoas com demandas socioeconômicas importantes) é um desafio para os profissionais de saúde¹⁵.

Sabe-se que o adoecimento mental, em diferentes países do mundo, é agravado por disparidades sociais e econômicas, como desemprego, iniquidades de gênero e raça, violência, discriminação e violações de direitos humanos¹⁶. Portanto, as ações de saúde mental devem estar centradas no cuidado em rede, na assunção de responsabilidades não apenas pelos profissionais, mas também por um conjunto de dispositivos em prol do cuidado atento e singular, que responda as necessidades dos usuários¹⁷.

Assim, o tratamento não se restringe apenas a medicamentos e eventuais internações, como já mencionado, mas, também a ações e procedimentos que visem a uma reintegração familiar, social e profissional, bem como a uma melhoria na qualidade de vida do paciente e do familiar. As famílias também devem ser foco de intervenção e suporte, pois foi identificado no estudo que a família pouco tem contribuído para viver de maneira mais satisfatória

com o transtorno, reforçando o estigma internalizado e trazendo sérias consequências para o sujeito¹⁴.

Para os depoentes, apesar do preconceito persistente na sociedade, o CAPS tem caminhado em direção a uma mudança na visão social em relação aos transtornos mentais. Devem ser consideradas as dificuldades da vida cotidiana desses indivíduos, que são atravessados por um recorte de classe social e de um nível de escolaridade. Considerando que a vida perpassa pelo poder desses contextos, os usuários dos serviços de saúde mental vivenciam a escassez e a dificuldade de consolidação social⁵.

Os CAPS oferecem acolhimento e acompanhamento clínico em regime de atenção diária a pessoas com transtornos mentais persistentes, procurando promover a reinserção social das mesmas pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício de direitos civis e fortalecimento de laços sociais. Os serviços de atenção psicossocial trabalham para além da perspectiva biomédica, considerando não apenas a patologia, mas também os aspectos sociais e econômicos que influenciam na saúde dos usuários¹⁸.

Na voz dos profissionais da saúde, o avanço no tratamento de pacientes, assim como a evolução da saúde básica, relata mudanças de paradigmas nos serviços de saúde mental. Os dados evidenciados em tela destoam de pesquisas internacionais realizadas com profissionais de saúde mental, em que parte deles se mostraram apegados a técnicas adstritas ao modelo médico-centrado e não promotor na autonomia do paciente, por considerarem estes métodos (sobretudo a coerção) benéficos e necessários para os pacientes^{19,20}. Isso reforça os achados positivos deste estudo, se comparados a outras literaturas. Pois mostram que, no CAPS, os

usuários poderão ser acolhidos, inseridos em uma rede articulada de apoio, tornando-se menos estigmatizados, excluídos ou marginalizados pela sociedade.

A falta de informação a respeito das doenças mentais, os tabus sociais, atitudes de excludentes e discriminatórias refletem negativamente na vida das pessoas com doenças mentais. Assim, observa-se que os indivíduos que apresentam transtornos mentais vivenciam dificuldades para o convívio coletivo e marginalização social para buscar espaços na sociedade, devido o estigma sofrido, os estereótipos associados aos transtornos mentais e crenças desfavoráveis sobre si mesmo¹⁴. Além disso, sabe-se que pessoas com doenças mentais graves são estigmatizadas, muitas vezes, pelos próprios profissionais dos serviços de saúde mental²¹.

Neste sentido, acredita-se na necessidade dos usuários receberem acolhimento vindo daqueles que compõe a equipe do CAPS, uma atenção a sua saúde e um olhar individual²², além do apoio e incentivo familiar. A partir disso, o usuário entende que está acolhido e passa a ver um novo sentido em suas ações e uma maneira de retornar a sociedade sem sua patologia.

A importância das práticas colaborativas e dialógicas é reconhecida no campo do saber dos profissionais de saúde mental. No entanto, ainda é um desafio para estes profissionais reorientar a sua prática profissional no sentido das relações horizontalizadas com os usuários e promotoras de protagonismo dos mesmos²³. Tendo isso em vista, os resultados e conclusões deste estudo sinalizam para importantes avanços nos paradigmas que norteiam as práticas clínicas em saúde mental no Brasil.

A consolidação dos princípios da Reforma Psiquiátrica exige a mobilização dos profissionais no sentido da valorização da pessoa como eixo central do cuidado. As concepções sobre o sujeito, sobre a doença e, principalmente, os movimentos de transformação destas concepções são elementos importantes para a consolidação de uma atenção em saúde produtora de liberdade e autonomia.

O CAPS é um importante dispositivo para a descentralização da rede de atenção em saúde mental, podendo fortalecer a construção de um sistema de cuidado integral e cooperativo⁵. Portanto, deve haver investimento na formação qualificada destes profissionais, visando um perfil sensível e alinhado aos princípios da Reforma Psiquiátrica.

Este estudo apresentou como limitação a produção de dados durante o horário de trabalho dos participantes. Apesar do horário ter sido escolhido por eles e os pesquisadores terem respeitado seus limites de disponibilidade, considera-se a possibilidade de que a pressão por voltar às tarefas tenha limitado o tempo e a profundidade das entrevistas. Ainda assim, considera-se que os resultados obtidos são relevantes e contribuem no desvelar da evolução dos paradigmas em torno do acolhimento e terapêutica dos indivíduos em sofrimento psíquico nos serviços de saúde mental.

Conclusão

Os entrevistados compreendem a complexidade e gravidade do transtorno mental, sua colocação como um problema social emergente e as ambiguidades e contradições do binômio normal e patológico. Têm consciência do contexto de preconceito e estigma social em que o usuário do CAPS se encontra, bem como a interferência dos determinantes sociais em seu adoecimento e

recuperação.

Contudo, reconhecem que as concepções em torno do usuário estão em transformação, frente aos movimentos de desconstrução dos estigmas sociais. Nesse contexto, o CAPS exerce o seu papel de participar destas mudanças, por meio do acolhimento e promoção do protagonismo destes sujeitos. Ao término deste estudo, foi possível concluir que os profissionais de saúde possuem concepções ampliadas em relação ao sujeito e seu sofrimento, se colocando frente às mudanças de paradigmas no campo da saúde mental.

Referências

1. World Health Organization. World mental health report: transforming mental health for all. 2022. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>>.
2. Tan RXR, Goh YS. Community mental health interventions for people with major depressive disorder: a scoping review. *International Journal of Mental Health Nursing*. 2022.
3. Onocko-Campos RT. Mental health in Brazil: strides, setbacks, and challenges. *Cadernos de Saúde Pública*. 2019; 35(11).
4. Clementino FS, Miranda FAN, Pessoa Júnior JM, Marcolino EC, Silva Júnior JA, Brandão GCG. Atendimento integral e comunitário em saúde mental: avanços e desafios da reforma psiquiátrica. *Trabalho, Educação e Saúde*. 2019; 17(1).
5. Bongiovanni J, Silva RAN. Challenges in de-institutionalization process in mental health community services. *Psicologia & Sociedade*. 2019.
6. Pinho ES, Souza ACS, Esperidião E. Working processes of professionals at Psychosocial Care Centers (CAPS): an integrative review. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2018; 23(1):141-52.
7. Figueiredo AC. Uma breve revisão da reforma psiquiátrica no Brasil e sua relação com a psicanálise e a psicologia. *Rev Psicologia Política*. 2019; 19(44):78-87.
8. Portal PSC, Santos TOCG, Guimarães SSV, Barreiros MP, Pinto RB, Dias CH, et al. As equipes multidisciplinares como dispositivos “técnicos de referência” em saúde mental nos caps e a gestão do cuidado: uma revisão integrativa de literatura. *Research, Society and Development*. 2021; 10(6):e21010615747.
9. Uchôa S, Pacheco C, Rodrigues S, Benatto M. A importância do empoderamento do usuário de CAPS para a (re)construção do seu projeto de vida. 2018; 12(22):72-89.
10. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. 2011.
11. Silva PAS, Rocha SV, Santos LB, Santos CA, Amorim CR, Vilela ABA. The prevalence of common mental disorders and associated factors among the elderly in a Brazilian city. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2018; 23(2):639-46.
12. Santos MR, Rosas MA, Maranhão LCA, Caldas ASC, Luna SO, Oliveira MGC, et al. Características sobre o uso e abuso de drogas, alterações cognitivas e desempenho ocupacional de usuários assistidos pelo CAPS AD. *Research, Society and Development*. 2021; 10(10):e223101018483.
13. Alcântara VP, Vieira CAL, Alves SV. Perspectives on the mental health concept: analysis of Brazilian scientific Productions. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2022; 27(1):351-61.
14. Nascimento LA, Leão A. Social stigma and internalized stigma: the voice of persons with mental disorders and the confrontations required. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. 2019; 26(1):103-21.
15. Park AL, Boustani MM, Saifan D, Gellatly R, Letamendi A, Stanick C, et al. Community mental health professionals’ perceptions about engaging underserved populations. *Administration and Policy in Mental Health and Mental Health Services Research*. 2019.
16. Mezzina R, Gopikumar V, Jenkins J, Saraceno B, Sashidharan SP. Social Vulnerability and Mental Health Inequalities in the “Syndemic”: Call for Action. *Frontiers in Psychiatry*. 2022; 13.
17. Souza ÂC, Amarante PD, Abrahão AL. Inclusion of mental health in primary health care: care strategy in the territory. *Rev Bras Enferm*. 2019; 72(6):1677-82.
18. Santos EO, Eslabão AD, Kantorski LP, Pinho LB. Nursing practices in a psychological care center. *Rev Bras Enferm*. 2020; 73(1).

19. Morandi S, Silva B, Mendez Rubio M, Bonsack C, Golay P. Mental health professionals' feelings and attitudes towards coercion. *International Journal of Law and Psychiatry*. 2021; 74:101665.
20. Krieger E, Moritz S, Lincoln TM, Fischer R, Nagel M. Coercion in psychiatry: A cross-sectional study on staff views and emotions. *Journal of psychiatric and mental health nursing*. 2021; 28(2):149-62.
21. Valery K-M, Prouteau A. Schizophrenia stigma in mental health professionals and associated factors: a systematic review. *Psychiatry Research*. 2020; 290(113068):113068.
22. Pierry GL, Tassinari T, Schuch M, Toledo V, Laís K, Soccol S, et al. Gênero e assistência psicossocial: perspectiva de usuárias sobre o Caps-AD. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. 2021; 16(1):e-3373.
23. Ness O, Borg M, Semb R, Karlsson B. "Caminhando lado a lado:" práticas colaborativas nos tratamentos de saúde mental e uso de substâncias. *Nova Perspectiva Sistêmica*. 2018; 27(61):6-21.
24. Siniak DS, Pinho LB, Júnior JNM, Ávila MB, Silva VAM. Análise da rede social de um centro de atenção psicossocial álcool e drogas. *Rev Enferm UFSM*. 2021; 11(0):32.